

As representações sobre o espanhol e o português na aprendizagem da língua estrangeira

Hélade Scutti Santos

Rua Capote Valente, 964 ap. 52 – cep. 05409-002 – São Paulo-SP
helade@power.ufscar.br / helade@ajato.com.br

Resumo. Este artigo trata das representações que os falantes do português brasileiro e estudantes de espanhol como língua estrangeira têm da sua língua materna e da língua que estão estudando e de que modo as referidas representações se inter-relacionam, de modo a desempenhar um papel nos processos de aprendizagem da língua estrangeira.

Palavras-chave: *língua estrangeira; espanhol; representações; aprendizagem*

Abstract. This article aims to define the representations that Brazilian students of Spanish as foreign language have of their own language and the language they study. As well as to analyze how these representations are inter-related and may interfere in the foreign language learning processes.

Keywords: *foreign language; Spanish language; representations; learning*

O presente trabalho faz parte de minha dissertação de mestrado, que tem como elemento motivador a hipótese de que as representações sobre a língua materna e sobre a língua estrangeira podem desempenhar um papel relevante no processo de aprendizagem desta última. Assim, aqui, pretendo tratar das representações que falantes do português brasileiro e alunos de espanhol como língua estrangeira têm tanto da sua língua materna quanto da língua que estão estudando e de que forma estas representações se inter-relacionam.

O conjunto de representações que será apresentado e que permite vislumbrar contornos do imaginário sobre cada uma das línguas é o resultado de análises enunciativas e discursivas das respostas que estudantes de espanhol de diferentes níveis e pertencentes a diferentes instituições de ensino produziram quando estimulados a dar suas impressões, sensações e opiniões sobre o português brasileiro, o espanhol falado na Espanha e o espanhol falado na Argentina.

Espanhol da Espanha, espanhol da Argentina

Nos enunciados em que os estudantes opinavam sobre o espanhol da Espanha houve uma adjetivação abundante no que se refere ao lugar de prestígio que a variante da Espanha ocupa em relação a outras variedades da língua: **original, correto, rico, perfeito, bem falado, mais universal, clássico, melhor forma**. Os primeiros adjetivos referem-se à representação do espanhol falado na Espanha como a variante lingüística **original**, da qual as outras são derivadas. Arrisco-me a afirmar, ainda, que o fato de ser tomada como a variedade que dá origem às demais lhe confere outras características, tais como: **correção, perfeição, universalidade, riqueza**. Observem-se alguns exemplos presentes nas respostas dos estudantes aos questionários que serviram como material de análise para minha pesquisa de mestrado¹:

- É a melhor forma, já que é o **país de origem**. (UP)
- Visto como **modelo do espanhol**. (UF)
- Antes quando eu escutava o espanhol da Argentina, por exemplo, achava que estava errado, que **o certo era o da Espanha**. (UF)
- Me dá a impressão de ser **o mais ‘correto’**, mesmo sabendo que é bem complexa essa definição. **Acho que pelo motivo de se dar origem em Castilla, na Espanha**. (UF)

Veja-se que a idéia da **origem** aparece, em alguns enunciados, relacionada à **valorização** e à **correção** que se atribui a essa variante, de forma a que ocupe o lugar de **modelo**, sendo assim, vale a pena tratá-la mais a fundo. Em seu *A busca da língua perfeita*, Umberto Eco (2001: 17) afirma que a tentativa de remediar a “confusão das línguas”, representada pelo mito babélico, “perpassa a história de todas as culturas”. Tanto é assim que no mito da Torre de Babel a separação das línguas é vista como castigo divino de conseqüências trágicas. Não se ignora que o espanhol falado na Espanha não é a língua universal e perfeita, já que não é a única língua falada no mundo, no entanto, o fato de ser tomada como a língua que precede e dá origem às demais formas do espanhol, a torna mais próxima da língua original e mítica que se busca imaginariamente, além de lhe conferir um caráter de perfeição e pureza que o contato com outras línguas ou variedades lingüísticas desfaz. Também faz parte desse imaginário a idéia de que, assim como a língua universal anterior à maldição babélica, o “espanhol original” também permitirá a comunicação e a compreensão de um número maior de falantes.

A idéia de origem pode não ser a única que torna o espanhol da Espanha prestigiado frente a outras variedades lingüísticas. Como afirma um dos estudantes,

- Um espanhol que todos querem falar, um espanhol que é valorizado, **por ser falado na Europa**. (UF)

O prestígio também está dado por fatores externos à língua, que estão, portanto, relacionados ao poder político e econômico que a Espanha tem e que acaba por interferir nas representações sobre a língua e suas variedades. Estas estão muito relacionadas ao lugar que os países ocupam na hierarquia política e econômica.

Outra adjetivação freqüente para o espanhol da Espanha foi: **culto, formal, conservador, pomposo, elegante e requintado**. Note-se que estes adjetivos guardam relação tanto com a imagem de espanhol original e, portanto, antigo, quanto com o imaginário sobre o povo espanhol e a Espanha; país e povo europeus, desenvolvidos. Em muitos enunciados esta variante é comparada ao português de Portugal e ao inglês britânico, línguas que ocupam posições política, histórica e imaginariamente semelhantes:

- Como o inglês da Inglaterra. (CL)
- Algo **mais conservador** assim como o português de Portugal. (UF)
- Tenho a impressão que é **mais formal** como o inglês britânico se comparado ao americano. (UF)

É uma adjetivação que está relacionada à admiração pela língua, mas que, ao mesmo tempo, a torna mais distante, menos acessível:

- Parece que é uma língua **mais distante** do que a língua falada pelos povos dos países vizinhos. (UF)

- Bonito, porém diferente e **menos caloroso** que o espanhol de países vizinhos. (UF)

Quanto ao espanhol da Argentina, a adjetivação teve uma variação grande nas diferentes instituições em que a pesquisa foi realizada, tendo assumido, em alguns casos, matizes mais depreciativos em grande parte dos adjetivos: **rápido, muito duro, muito enrolado, incompreensível, feio, rude, péssimo, horrível, sonoridade estranha, estridente, sonoro, seco, forte, imponente, pesado, fechado, sensual, antipático, arrogante, prepotente, diferente, interessante, forçado, cantado**. Uma parte desta adjetivação está relacionada ao fato de que a variedade argentina, entre uma parte importante dos informantes, ocupa um lugar de menor prestígio quando comparada ao espanhol falado na Espanha, que é muitas vezes tomado como base para a caracterização ou para uma comparação:

- Sonoridade estranha **depois que se aprende** o espanhol da Espanha. (CL)

- **Derivado** da Espanha com muitas particularidades. (CL)

- **Não tão encantador como** o da Espanha, me parece um pouco **mais** seco, porém ainda assim sonoro e sensual. (CL)

Em alguns casos, o adjetivo, por si só, já traz no seu significado um valor comparativo. É o caso do adjetivo **diferente**, que pressupõe uma comparação, um elemento a partir do qual se possa dizer que um segundo elemento é igual ou diferente. Ao analisar os enunciados de estudantes das demais instituições, também é possível encontrar comparações nas quais o espanhol argentino é caracterizado como diferente:

- Acredito que haja uma mistura de outras línguas e por isso seja **um pouco diferente** do espanhol falado na Espanha. (UP)

- **Diferente** marcado por **pronúncias diferentes**. (UF)

- Penso que apesar de ser uma variante do espanhol da Espanha, parece ser **uma língua totalmente diferente** e, como eu disse acima, mais próxima da nossa. (UF)

Embora o elemento de comparação não esteja presente em todos os enunciados, a comparação explícita com o espanhol da Espanha em alguns casos, somada ao fato de que, em diversos enunciados, o espanhol argentino é tomado como **derivado** do espanhol da Espanha coloca este último no lugar da referência inicial a partir da qual se caracterizam as demais formas da língua. Pode-se dizer, ainda, que a presença marcante do adjetivo **diferente** não está somente autorizada pela comparação do espanhol argentino com a variedade espanhola. Em alguns enunciados nota-se que a variedade argentina parece ser tomada como a mais diferente delas, a que teria características mais particulares:

- **Muita diferença do espanhol dos outros países latino-americanos** e da Espanha. (CL)

- Percebi que a variante do argentino era **bem diferente da dos cubanos, chilenos**, que em geral tinham as mesmas palavras e pronúncias. (UF)

- Mesmo a Argentina estando situada na América Latina, ainda assim, **o seu espanhol é diferente em relação aos outros países do mesmo continente**. (UF)

Há outros enunciados em que não apenas aparecem **espanhol da Espanha = espanhol original** e **espanhol da Argentina = espanhol derivado**, mas o processo de alteração ou transformação ao qual a forma derivada está submetida aparece qualificado, isto é, em vários enunciados, se explicitam os atributos que caracterizariam uma forma derivada da língua:

- Derivado da Espanha com **muitas particularidades**. (CL)
- Possui **grandes variações**. (UF)
- Acredito que haja **alguma mistura de outras línguas** e por isso seja um pouco diferente do espanhol falado na Espanha. (UP)
- Mais **interferências de extranjeirismos** (sic). (UF)
- Cheio de **gírias e manias locais**. Não dá pra entender. (CL)
- Tenho a impressão de que seja um espanhol **mais livre**. (UF)
- Um pouco **mais ‘popular’** como havia dito (UF)

Como se pode observar, ressaltam-se as **peculiaridades**, quando essa variante é comparada à “forma original”; a **variação**, o que lhe confere um caráter dinâmico, de mudança contínua; a **influência de outras línguas**; a **existência de gírias**, o que, juntamente com a caracterização de “mais popular” e “mais livre”, traz a idéia de que a variedade argentina é mais coloquial, está mais próxima de uma **língua da oralidade** que de uma língua da escrita. Essa caracterização, por um lado distancia o espanhol da Argentina do espanhol da Espanha e, por outro, o aproxima do português brasileiro. Note-se como, neste enunciado, se aproximam línguas diferentes e se distanciam variedades da mesma língua:

- Penso que apesar de ser uma variante do espanhol da Espanha, parece ser uma língua **totalmente diferente** e, como eu disse acima, **mais próxima da nossa**. (UF)

Reorganiza-se, inclusive, a divisão tradicional entre língua espanhola e língua portuguesa, pois a variante argentina é tomada como uma “língua totalmente diferente”. Desse modo, pode-se afirmar que, no imaginário, as semelhanças e diferenças entre as línguas que se sentem ou se projetam e as divisões que delas acarretam, muitas vezes se sobrepõem à divisão convencional, reorganizando-se de acordo com as representações que se tem delas e não pela idéia de sistema, de gramática ou de organização discursiva, que marcariam uma separação pautada por uma análise lingüística. Mais adiante, quando tratar das representações sobre o português brasileiro, ficará mais clara a aproximação entre português brasileiro e espanhol argentino a que me refiro.

A aproximação entre espanhol da Argentina e português do Brasil, assim como a proximidade geográfica e a maior facilidade de contato, parecem criar com esta variedade lingüística uma maior **intimidade**. Isto aparece tanto no relato de experiências e contatos prévios, como em caracterizações como:

- Mais acessível devido à proximidade geográfica. (UF)

Em alguns casos, essa valorização da variante argentina é explicitada como algo aprendido:

- Outra variação lingüística (as aulas de lingüística ajudaram bastante, **em outro tempo diria que é inferior!!!**). (UF)

- Um espanhol que ‘caracteriza’ os argentinos e que tem um sotaque muito bonito, que **aprendi a valorizar**. (UF)

Outra das representações freqüente refere-se à **semelhança entre o espanhol e o português**, além de várias manifestações de **facilidade e de compreensão** com relação ao espanhol. Em manifestações sobre o espanhol da Espanha, cito:

- Acho legal, é uma **língua fácil para nós brasileiros**, temos que apoiar a sua difusão no globo. (CL)
- Me agrada o sotaque, a **semelhança com a língua portuguesa falada no Brasil**. (UF)

Sobre o espanhol falado na Argentina:

- É rápido mas depois de um tempo é **fácil de entender**. (CL)
- É agradável aos ouvidos e **fácil de ser entendido por qualquer brasileiro**. (CE)

A aprendizagem do espanhol seria, então, desnecessária ou muito fácil, pelo menos no que se refere à compreensão. Persiste, como fica evidente no fragmento citado, o que Celada (2002: 31) considera uma relação historicamente constituída:

“Durante muito tempo ela [a língua espanhola] ocupou o lugar de uma língua que, por ser ‘muito próxima’ do português, era **fácil**, sendo **seu estudo não necessário**. Nesse sentido, o imaginário através do qual o brasileiro se relacionou com essa língua pode ser representado por meio da seguinte seqüência: ‘espanhol-língua parecida-língua fácil’.” (grifos meus).

Observa-se que a língua espanhola não deixou de ocupar esse lugar; a representação de **língua parecida, língua fácil** ou **língua à qual qualquer brasileiro tem acesso** continua presente, mesmo entre aqueles que não só afirmam que é preciso estudar espanhol, mas o fazem de fato.

Contudo, a suposta semelhança entre o português e o espanhol nem sempre foi associada a uma facilidade na aprendizagem:

- Possuem uma **certa dificuldade** para aprender a língua espanhola, ou melhor, o espanhol, **pois é muito parecido** com o português. (UF)

Em suas discussões sobre como o imaginário de “competência espontânea” vai sendo refeito de modo a elaborar um “hiato” entre os dois idiomas, Celada (ibid.) afirma que é o “real da língua espanhola” que vai desestruturando esse imaginário. Contudo, ele parece persistir na imagem do espanhol como língua parecida e se alterar por completo na passagem de língua fácil para língua difícil. Uma reestruturação dessa natureza nas representações sobre a língua espanhola certamente está relacionada ao fato de que “o espanhol é uma língua singularmente estrangeira para o brasileiro” (CELADA, ibid.: 187), o que significa dizer,

“no que diz respeito, em nosso caso, ao processo de aprendizado formal da língua espanhola por parte do brasileiro, que será justamente ‘de onde não se esperava’, da mais absoluta ‘proximidade’ (dessa língua parecida), que provirá uma alteridade que surpreende pela procedência” (CELADA, ibid: 186)

Isto é, o aprendizado do espanhol é sempre desconcertante, pois jamais se poderá dizer onde a diferença está. Ela parece estar sempre escondida atrás das semelhanças e surgirá sempre de forma inesperada e, muitas vezes, embaraçosa. A resistência da idéia da semelhança, além da proximidade histórica e, pelo menos, lexical —ainda que também isto seja ilusório—, se explicaria, então, pela dificuldade de

localizar, prever e dominar as tão sentidas e vividas diferenças, mas que ficam sempre restritas à surpresa e ao mal-estar, mas dificilmente podem ser identificadas e reconhecidas.

O português brasileiro

Sobre o português falado no Brasil, aparecem com frequência os seguintes adjetivos: **agradável, bonita, rica, difícil, compreensível e familiar**. Sobressai o fato de o português falado no Brasil ser caracterizado como **difícil**; sobretudo frente à facilidade atribuída ao espanhol, que se acaba de tratar:

- Língua **difícil com muitas regras e particularidades**. (CL)
- Uma língua riquíssima, porém **difícil no seu aprendizado**. (CL)
- Língua de difícil entendimento quando não se conhece, adjetivos e conjugações verbais **difíceis para uma pessoa estrangeira entender**. (CL)
- **Confuso até para os brasileiros**, que se salvam apelando para gírias e empréstimos da língua americana do norte. (CE)
- **Uma língua com muitas regras e normas**. Considerada uma das mais difíceis por muitas pessoas. (UF)
- Uma língua de variedade e que além de ser **muito difícil (norma culta)** é muito diferente do português de Portugal. (UF)
- Acho uma língua oral maravilhosa, rica e com muitas possibilidades lingüísticas, porém **o português escrito é muito complicado**. Pelo menos aquele que a sociedade gostaria e gosta de ouvir e ler. (UF)

Note-se que a dificuldade, seja na adjetivação, seja nos comentários relacionados ao **excesso de regras** e à **dificuldade no aprendizado**, está relacionada ao português escrito, à chamada norma culta; já que é ela que deve ser submetida a um aprendizado formal. É na escola, nas aulas de língua portuguesa, onde se aprendiam regras e normas, que pareciam difíceis, porque alheias ao português da fala. Assim, a dificuldade atribuída à língua materna está apoiada sobre “essa relação de não-continuidade entre escrita e oralidade” (CELADA, *ibid.*: 206) e que faz com que se possa estabelecer a seguinte relação: **língua escrita = língua estrangeira**.

Em um dos enunciados, as influências de outra língua aparecem como um fator que facilita a relação com a própria língua. Isto é, os empréstimos e as influências do inglês são mais familiares do que a forma culta da língua portuguesa, a ponto de transformar a língua materna em uma língua menos confusa e mais acessível.

Como a língua escrita ou a norma culta constituem um espaço do qual a maioria dos brasileiros está excluída, ela ocupa o lugar imaginário de uma língua estrangeira: **português culto = língua estrangeira**, incorporando seus atributos: língua **difícil, desconhecida, alheia**. Tanto é assim que, nos enunciados, a dificuldade aparece relacionada ao aprendizado e ao aprendizado pelo estrangeiro. No entanto, se a língua escrita, a da gramática normativa, é tratada como alheia, como estrangeira, os estrangeiros que devem se submeter ao seu difícil aprendizado somos nós mesmos. Sendo assim, na relação com essa porção da nossa língua materna, com o português escrito, pode-se dizer que: **brasileiros = estrangeiros**.

Mas também aparecem com insistência nos enunciados caracterizações que se referem mais propriamente à **fala**, à **língua oral**. Em geral, nessa caracterização aparece a variedade de formas, sotaques, as diferenças regionais e uma adjetivação que se contrapõe à sistematicidade dada pela norma e pela regra. Para distinguir os enunciados que se referiam mais propriamente ao português da oralidade, foram selecionados os que explicitam a caracterização em relação ao português oral ou à língua falada, o que se pode notar no uso recorrente do verbo falar, das referências ao sotaque, que também só pode ser detectado na fala, e da adjetivação referente à sonoridade: melódico, sonoro, mal-falado. Observem-se os seguintes enunciados:

- Muito **mal falado pela população**. (CL)
- A **linguagem do povo** torna a língua pobre, porém ela é bonita e sonora. (CL)
- Eu diria ‘os portugueses’ do Brasil. Há de tudo, mas prevalece o **português macarrônico**, de palavras quase impronunciáveis. Saindo dos grandes centros, e mesmo **em sua periferia, fala-se muito mal o português**. (CE)
- Estou certo de que o **português popular**, tão distante do culto, revela o abismo social de um **país cheio de miseráveis**. (CE)
- **Mal-falado**, mal estudado e mal interpretado e mal usado. **As pessoas** não se interessam pela nossa língua materna. (UF)

Nestes enunciados, a caracterização do português coloquial, da oralidade, é de uma língua **mal-falada**, na qual se violam as regras e o uso “correto” da língua. É comum, como se pode observar, que recaia sobre as pessoas, o povo, a população, a periferia ou os miseráveis a responsabilidade pelo mal-falar, pelo empobrecimento da língua, pelo uso de “palavras quase impronunciáveis”. Isto é, a língua mal-falada é sempre de outro.

Outro traço que caracteriza o português da oralidade é a permeabilidade à influência de outras línguas, à incorporação de palavras:

- Também **influenciado por outras línguas**. Em função disto se tornou mais **belo, sonoro e criativo**. Novas palavras e com **mais palavras** que o português de Portugal. (CL)
- Infelizmente quem deveria preservar a forma culta da língua, não o faz, **abusando de anglicismos e espanholismos**. (CL)
- Tem **palavras de diferentes línguas incorporadas ao vocabulário**, tornando-o mais **rico**. (UF)

Note-se que essa permeabilidade ora aparece como um fator de enriquecimento da língua e ora como um fator de violação da forma culta da língua.

A **variedade de formas** foi uma das características mais mencionadas:

- É **muito rico e cheio de diferenças** dependendo da região do país. (CL)
- Nossa, **que mistura**, cada estado, cada cidade, cada ‘tribo’ **fala de um jeito**. Difícil entender todo mundo. (UF)
- Uma **salada mista**, com **muitas variações temporárias e diversas variações regionais**. (UF)

- Uma língua **extremamente heterogênea** e de facilidade funcional (comunicativa), apesar das variações. (UF)
- **‘Multifacetado’**. Parece uma **junção de vários idiomas**. A **variedade lingüística é tão grande** que é possível que algum sulista não entenda um nortista. (UF)

Além do grande número de enunciados que mencionam a variedade lingüística, ela aparece como um traço super-dimensionado, o que se evidencia pelo uso de formas aumentativas tais como: cheio, muito, grande ou extremamente. Esse tipo de hipérbole aparece também no último enunciado, no qual a variedade é comparada à “junção de vários idiomas”.

Por fim, cito enunciados nos quais se evidencia uma oposição entre o português da oralidade e o português da escrita, oposição esta que pode estar apoiada sobre a distinção entre o português do Brasil e o português de Portugal; este último mais identificado ou identificável com a língua culta, da escrita:

- Interessante, **mais descontraído que o de Portugal**. (CL)
- Língua **fácil, cheia de gírias** e palavras abreviadas. **Gostoso de falar e ouvir**. (CL)
- **Bem diferente do de Portugal**, e totalmente **aperfeiçoado** (UP)
- É um português **muito diferente do de Portugal**, dos outros países que falam português. É um português mais **‘melódico’**. Mais **informal**, digamos. (UF)
- É o português de Portugal **falado com o ‘jeitinho brasileiro’**. (UF)

Aparece, nessas manifestações, uma adjetivação que, por um lado, expõe um **relaxamento da língua oral**, que se oporia à rigidez da norma culta e, por outro, um distanciamento do português de Portugal. Tal relaxamento aparece principalmente nos adjetivos: descontraído, gostoso, fácil e informal.

A diferença e a separação entre o português brasileiro e o português de Portugal estão presentes em muitos dos enunciados, chegando a ser explicitada a necessidade de considerá-los como idiomas diferentes:

- Deveria ser o ‘brasileiro’ do Brasil, pois na realidade nosso idioma não é português. (UF).

No que se refere à relação entre o português brasileiro e o português de Portugal, nota-se uma tensão permanente, já que, de um lado, há um marcado reconhecimento da diferença, mas de outro há, “apesar dos séculos de mudança e diferenciação mútua” (GUIMARÃES e ORLANDI, 1996: 12), uma afirmação da unidade no âmbito da gramatização e das políticas de unidade lingüística. Uma tensão que resulta do fato de termos como língua nacional uma língua herdada e imposta pelo processo de colonização e que, sendo primeiramente a língua de outro, passa, por imposição, a ser nossa.

Observe-se que os atributos utilizados para caracterizar o português brasileiro coincidem bastante com os que podiam ser identificados na caracterização do espanhol falado na Argentina, podendo-se aproximar em vários aspectos a caracterização dessas duas variedades, assim como há coincidências entre a caracterização do espanhol falado na Espanha e a do português culto ou do português de Portugal. Em um dos enunciados estas aproximações se explicitam:

- O português do Brasil, hoje, é muito diferente do português de Portugal, **é o mesmo que ocorre** entre o espanhol falado na Argentina e na Espanha, **apesar de ser o mesmo idioma, há muitas diferenças.** (UF)

A análise da caracterização do português brasileiro deixa entrever que na enunciação se evidencia uma fratura no imaginário sobre a língua materna que coloca de um lado o português da norma culta, das regras, da dificuldade e de outro o português da fala, da variedade, da multiplicidade, das influências, da facilidade. Como aparece em um dos enunciados:

- Existe uma diferença muito grande entre o português brasileiro oral e o português das gramáticas. (UF)

Essa fratura opõe e sobrepõe várias facetas de uma mesma língua: **português culto x português coloquial, português escrito x português oral, português das gramáticas x português falado, português de Portugal x português brasileiro, português difícil x português fácil, português bem-falado x português mal-falado, português cheio de regras x português cheio de gírias e estrangeirismos, português formal x português informal**, etc.

Assim sendo, parece plausível afirmar que somos sujeitos-falantes também fraturados, obrigados a lidar com as distâncias entre o **português do “gostoso falar”** (CELADA, *ibid.*: 209), mas o do **mal falar** e o **português do “falar difícil / difícilíssimo escrever”** (*id.*, *ibid.*: 209), mas do **bem falar**. Essas oposições já apareceram em vários dos enunciados, contudo, percebe-se que não se pode dizer que com relação ao português escrito e culto a enunciação aponte num sentido mais apreciativo, enquanto no que se refere ao português coloquial, da fala, ecoem avaliações depreciativas. Há ambigüidade nos valores que a adjetivação tem. Pode-se citar a manifestação de uma aluna do que se assume como professora de português, cujo discurso caminha para a preservação da regra, da norma culta:

- Ela [a língua portuguesa] é um **‘ser’ que está ficando doente** e o remédio certo para a cura ainda não foi encontrado. (CE)

No entanto, de outro lado, aparecem enunciados que valorizam a variedade, as possibilidades ao invés da fixação da forma “correta” imposta pela regra:

- Há muitas variedades e muitos sotaques. O legal é saber que não há o português falado errado nem o falado feio. (UF)
- Acho a língua oral maravilhosa, rica e com muitas possibilidades lingüísticas, porém o português escrito é muito complicado. (UF),

Com relação à cisão **português culto/português coloquial**, gostaria de mencionar também o trabalho de Glaucia Lara (2001), que obtém os seguintes resultados ao analisar o discurso de estudantes universitários sobre a língua portuguesa: a autora identifica uma oposição clara entre o **português culto**, “associado a valores positivos e a temas como beleza, riqueza, correção e formalidade”, embora também seja associado a algo distante e difícil, e o **português popular** que se mostra, “ao contrário, errado, feio, vulgar, desordenado e destituído de prestígio social”, ainda que esteja mais próximo do falante (LARA, 2001: 38). Desse modo, a autora associa o primeiro às categorias de **identidade** e **distância** e o segundo às categorias de **alteridade** e **proximidade**. Embora as características encontradas na pesquisa de Glaucia Lara também tenham aparecido em muitos dos enunciados aqui analisados, procurei

demonstrar que o imaginário associado ao português brasileiro está formado por movimentos afetivos e ideológicos, muitas vezes ambíguos e contraditórios, que não permitem identificar uma única valoração em relação a cada um deles. O que, sim, parece ser compatível com a enunciação que aparece no corpus desta pesquisa são as categorias às quais a autora associa o português culto e o português coloquial.

Esta convivência entre **identidade/alteridade**, **distância/proximidade** deverá deixar suas marcas no aprendizado e na relação com a língua espanhola, já que, como se pode observar, o espanhol falado na Espanha estaria, no imaginário, mais próximo do português culto da escritura, enquanto o espanhol da Argentina se aproximaria mais do português coloquial, da oralidade. Podem se reproduzir, de certa forma, com a língua espanhola as categorias de representação que Lara (ibid.) utiliza para a língua portuguesa.

Como se pode observar, tanto o espanhol quanto o português são línguas divididas. Não somente divididas pelas variações regionais, dialetais ou sociais, que se poderiam identificar em qualquer língua, mas são divididas também pela história, pelo passado colonial comum, que faz com que falemos em toda América Latina, línguas de algum país europeu, impostas no processo da colonização. Devido à passagem do tempo e da independência política dos países latino-americanos, reconhece-se, hoje, nessas formas lingüísticas, variações e diferenças em relação às formas européias. Mas esse processo de imposição e, posterior, diferenciação deixa, no imaginário, marcas do passado colonial, das discrepâncias político-econômicas entre as antigas metrópoles e as ex-colônias, e uma fratura na relação com a língua materna que, devido às coincidências históricas, se projeta na relação com a língua estrangeira.

Notas

¹ Os grifos presentes nos exemplos são meus e tem como objetivo dar destaque para o aspecto que está sendo discutido. Cada um dos enunciados está identificado com siglas que correspondem às diferentes instituições em que foi realizada a coleta de dados. Como optei por manter em sigilo os nomes das instituições. Farei a seguir uma breve legenda para facilitar a interpretação do leitor:

UP (corresponde a alunos do curso de Letras de uma **universidade particular**)

UF (corresponde a alunos do curso de Letras de uma **universidade pública**)

CL (corresponde a alunos de um **curso livre** de espanhol oferecido por uma escola particular)

CE (corresponde a alunos de um **curso de extensão** oferecido por uma universidade pública)

Referências

CELADA, Maria Teresa. *O espanhol para o brasileiro. Uma língua singularmente estrangeira*. 2002. 278p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlm/espanhol/docente/teresa.html>

ECO, Umberto. *A busca da língua perfeita na cultura européia*. Bauru, SP: EDUSC, 2001, 457p.

GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni Puccinelli. “Identidade lingüística”. In: _____. (Orgs.) *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas, Pontes, 1996. p. 9-15.

LARA, Gláucia Muniz Proença. “Uma análise semiótica do discurso de estudantes universitários sobre a língua portuguesa”. *Revista do GELNE*, Fortaleza, vol. 3, n. 1, p. 37-40, 2001.